

VOCÊ QUER COMPRAR INGRESSOS PARA A COPA DO MUNDO?

Os irmãos Byrom têm um monte deles

Imagine os 3 milhões de ingressos para os jogos da Copa do Mundo empilhados em uma montanha de papelão. Você ama futebol? Quer um naco dessa montanha? Você pode tentar a sorte nas loterias da Fifa ou comprar por meio das federações e associações nacionais.

Todos os fãs são iguais na disputa pelos preciosos ingressos. Você se cadastra no site da Fifa, solicita o ingresso da partida desejada, e perde... A Fifa, no entanto, diz que é um sorteio justo. A montanha desapareceu. Não fique triste, deixe para lá, quem sabe da próxima vez, daqui a quatro anos, em outro país, talvez você tenha sorte.

A Fifa alerta: não compre ingressos de “agentes não autorizados”. Os *Herr Blatter* têm o poder de impor severas penalidades ao que ele chama de atividades “ilegais”. Seus ingressos podem ser rasgados na porta do estádio porque você não comprou dos agentes selecionados da Fifa. Sepp pede que você acredite que, quando eles não estão vendendo ingressos superfaturados e com eventual cobrança de taxa de entrega, estão lá nas ruas, policiando e sufocando o que ele chama de “mercado negro”. Ele não vai permitir um mercado paralelo, livre, competitivo, como existe em qualquer outra atividade comercial. A indústria dos ingressos da Copa do Mundo deve continuar sendo um monopólio não regulamentado.

Olhe de novo para a montanha de ingressos, mas dessa vez imagine que ela é um *iceberg* flutuando no oceano. De repente a quantidade de ingressos disponível para os fãs de futebol diminuiu. Para onde eles foram? Dê uma espiada sob a superfície e você poderá vislumbrar outro mundo, onde os ingressos com os quais você tanto sonhou estão boiando, sedutores, muito perto, mas tão longe do seu alcance, é um desejo impossível de realizar.

No mundo todo talvez existam apenas três pescadores que realmente sabem o que está acontecendo nessas profundezas. Sepp e Jaime e Enrique Byrom. Sepp conhecia os irmãos Byrom desde 1986, ano em que a Copa do Mundo foi rea-

lizada no México, país onde os Byrom nasceram. Naquele tempo Sepp era o secretário-geral da Fifa e realizava todos os desejos de seu patrão, João Havelange.

Herr Blatter sabia que os Byrom eram próximos de um dos chefões do futebol mexicano, o magnata da televisão Guillermo Cañedo, um dos vice-presidentes da Fifa. Cañedo era íntimo de João Havelange, o presidente. Sepp trabalhava para Havelange. Qualquer amigo do presidente tinha de ser bem tratado. Os irmãos Byrom, ambos na casa dos trinta e poucos anos, estavam organizando viagens para a Copa do Mundo e, muito bem relacionados, tinham um grande futuro fazendo negócios com a Fifa.

Os Byrom prosperaram, mudaram-se para a Inglaterra, e hoje administram uma enorme fatia das gigantescas operações da Copa do Mundo da Fifa em um moderno edifício de dois andares, localizado em um parque comercial nos subúrbios verdejantes do sul de Manchester, perto do aeroporto internacional. Uma de suas empresas é a Byrom Holdings, cuja sede fica na Ilha de Man, território em que não precisam publicar seus balancetes. Uma de suas contas bancárias fica em Sotogrande, na Espanha. Os irmãos Byrom moram em agradáveis casas de luxo na área rural do condado de Cheshire, ombro a ombro com astros dos dois grandes clubes de futebol de Manchester.

Sepp pode dizer o que bem quiser para quem quiser ouvir, mas alguns dos ingressos acabam nas mãos de cambistas, intermediários e agências. Ao longo dos anos os ingressos já passaram por várias mãos: um polonês especialista em artes marciais, trapaceiros caribenhos, um homem gordo com um escritório na Trump Tower, pilantras e capangas do Leste Europeu – na verdade, nas mãos de todo mundo, todos fazendo negócios secretos na vasta parte não visível do *iceberg*. Um cambista que entrevistei para a BBC me disse que “até 40% dos ingressos saem pela porta dos fundos da Fifa”. Isso me deixou boquiaberto. Eu achava que 10% talvez fosse o máximo.

Uma década atrás, em 2003, Sepp e seus amigos mais próximos em Zurique premiaram Jaime e Enrique com o contrato para vender com exclusividade os ingressos para a Copa do Mundo no Brasil. Mais tarde os Byrom ganharam outro mimo: 450 mil dos melhores ingressos, para serem vendidos nos pacotes de hospitalidade para os ricos que ocuparão os camarotes de luxo que circundam todos os novos e modernos estádios. Entre eles há a cereja do bolo: 12 mil dos melhores ingressos para a partida final do dia 13 de julho, somente para esses camarotes. É inteiramente apropriado que o champanhe Taittinger tenha o contrato de exclusividade para fornecer as refrescantes bebidas.

Alugar esses camarotes VIPs com *chef* e garçonetes para cuidar dos convidados, pode custar mais de 2 milhões de dólares. Jaime e Enrique esperam

que todos os camarotes que circundam o Maracanã e todos os outros estádios fiquem lotados. Depois dos prejuízos que os Byrom amargaram na África do Sul, isso é crucial para o futuro de seus negócios.

2005. É dia de Natal em Trinidad. A seleção nacional se classificou para a Copa do Mundo na Alemanha e os torcedores sonham em adquirir ingressos. Lasana Liburd, repórter a serviço do jornal *Trinidad Express*, tem um inesperado presente para o vice-presidente da Fifa Jack Warner: a primeira página do jornal. Ao longo de três dias daquele período de festas natalinas o *Trinidad Express*, cuja redação é baseada em Port of Spain, publicou os resultados das investigações exclusivas de Liburd, revelando os negócios de Jack com Jaime e Enrique.

Como sempre fazia em qualquer competição de futebol, Warner estava comandando o esquema fraudulento de vendas de ingressos. Liburd revelou que a agência de viagens chamada Simpaul Travel Services Limited, que era de propriedade de Jack Warner, sua esposa Maureen e seus filhos Daryan e Daryll, estava adquirindo ingressos dos irmãos Byrom para revender em seus pacotes. Isso é uma violação das regras da Fifa, e um figurão da Fifa lucrando com a venda de ingressos da Copa do Mundo enfurece os fãs de futebol em qualquer lugar do planeta.

Enrique foi despachado para Trinidad para apagar o incêndio. Ele produziu um relatório para a Fifa afirmando que Trinidad havia recebido 10.749 ingressos. Na versão de Jack, alguns estavam com patrocinadores locais e outros haviam sido espalhados pela ilha para agradar gente do futebol local. Com a Simpaul, alegou Jack, restaram apenas míseros 1.744 ingressos para revender, integrando os pacotes de hospedagem reservados por intermédio dos Byrom.

No fim das contas, ficou claro que isso era apenas a pontinha visível do *iceberg* de Warner em 2006. Nas profundezas mais recônditas e obscuras do mundo subterrâneo da Fifa, havia outra operação envolvendo milhares de pedaços de papelão. Ainda levaria muitos meses para o embuste ser descoberto.

Aquele incêndio já iniciado não era fácil de apagar, e o implacável interesse da imprensa pelos negócios ardilosos de Jack obrigou-o a fazer alguma coisa para distrair a atenção da mídia. Desesperado, Jack anunciou que desconhecia os procedimentos, que estava no escuro, e que, por conta da sua ignorância, precisava da orientação da Fifa acerca das regras que regiam a comercialização de ingressos. Apresentou-se de livre e espontânea vontade ao elástico Comitê de Ética da Fifa.

Orientação? Jack fazia parte do Comitê Executivo havia mais de duas décadas, e com isso já devia ter participado de centenas de horas de discussões sobre as regras dos ingressos. Ele conhecia melhor que ninguém tudo o que dizia respeito aos bilhetes. Blatter apoiou a enganação. Nós todos fomos insultados.

Às pressas, Jack e sua esposa Maureen transferiram suas ações da Simpaul para dois “laranjas” locais, uma veterinária e uma dona de casa. Foi o bastante para que a Fifa, com seu jeito generoso, desse uma leve reprimenda em Jack e o inocentasse. De uma só tacada Jack estava livre e pronto para agir de novo!

Três anos se passaram e, na surdina, Jack e Maureen retomaram sua posição como diretores da Simpaul. Seu filho Daryan ficou no comando da agência e cuidava dos esquemas de venda de ingressos no câmbio negro.

Um mês depois, na primavera de 2006, dois auditores da Ernst & Young bateram à porta dos irmãos Byrom na Inglaterra. Cambistas do mundo todo, nas Américas, na Inglaterra e no Japão, receberam a informação de que estavam encrocados. Foi um corre-corre: noites insones refazendo faturas às pressas, preenchendo novas notas fiscais, corrigindo pedidos de ingressos e retificando reservas de quartos de hotel. As coisas podem ficar bastante movimentadas na parte não visível de um *iceberg* que apresenta rachaduras.

Isso ainda não é tudo. Jaime, Enrique, Jack e Daryan estavam com problemas. Os auditores perscrutaram as águas escuras. Logo conseguiram ver claramente que, no ano anterior, em junho de 2005, os Warner fizeram encomendas aos Byrom, encomendas descomunais de mais de 5 mil ingressos para a Copa do Mundo na Alemanha.

Os ingressos foram pedidos em nome das agências de viagem, que os atrelavam a pacotes, incluindo passagem de avião e hospedagem, e assim eles os revendiam. Mais uma vez os Warner estavam usando a empresa Simpaul para camuflar o negócio. Essa era uma clara violação das regras da Fifa, o que deveria desencadear penalidades draconianas. Mais importante ainda, para Jaime e Enrique Byrom, era o seguinte: se os agentes autorizados descobrissem que seu negócio legítimo estava sendo solapado por gente “de dentro”, poderiam exigir milhões de dólares à guisa de compensação.

Os auditores da Ernst & Young foram contratados pelo secretário-geral da Fifa, Urs Linsi, para vigiar os esquemas de venda de ingressos. Era a primeira vez que Linsi estava no comando de uma Copa do Mundo. Ele não tinha passado a vida na Fifa e estava se arriscando ao ir atrás dos irmãos Byrom e de Jack – eles já estavam havia mais tempo no ramo e Sepp precisava

mais deles do que de seu contador, contratado junto a um banco de Zurique. Linsi “já era” 18 meses depois, e saiu com um belo pagamento para ficar de boca calada.

Os engratados da Ernst & Young estavam cavando fundo, investigando com afinco. Será que encontrariam documentos capazes de comprometer os irmãos Byrom? Os negociantes de ingressos do mercado subterrâneo – o “mercado negro” – haviam sido favorecidos em detrimento dos revendedores autorizados de ingressos? Se descobrissem, a Fifa seria processada por quebra de contrato? Poderia ser devastador.

Furiosas cartas e mensagens por e-mail rodaram planeta afora. No início de abril chega-se a um acordo secreto. Os Byrom elaboram o que chamam de “carta de conciliação” e o escândalo permanece submerso.

Alguns ingressos chegam às mãos dos torcedores e fãs do futebol. Outros não. O mais importante é que o escândalo foi abafado. A Copa do Mundo pode seguir em frente sem fedor nenhum. A Itália derrota a Alemanha na final e Sepp fica nas sombras, com medo de ser vaiado por todo o estádio.

O escândalo não pôde ser abafado para sempre e explodiu em setembro de 2006, momento em que publiquei em um jornal de Londres dois relatórios secretos que os engratados da Ernst & Young tinham enviado a Urs Linsi. Eu os obtive por meio de uma fonte confiável de dentro da Fifa. Mais uma vez um jornalista – e não a Fifa, tampouco os irmãos Byrom – estava expondo os esquemas escusos. Sepp protege as pessoas de seu mundinho particular.

O primeiro relatório foi entregue à Fifa em 11 de abril de 2006, e continha provas suficientes para a expulsão de Jack Warner. Ele tinha encomendado 5.400 ingressos para revender, quebrando as regras da Fifa. Contudo, uma punição pública exporia os Byrom, que os tinham fornecido a ele. O escândalo foi mantido debaixo do pano.

Sem tanta sorte, na primeira semana da Copa do Mundo, Ismail Bhamjee, de Botsuana, foi obrigado a pedir demissão por vender a jornalistas disfarçados 12 ingressos pelo triplo do valor nominal. Ao contrário de Warner, o sr. Bhamjee não tinha um saco cheio de votos para emprestar a Blatter a cada eleição presidencial. Livrar-se dele rendeu à Fifa boas manchetes. Faltavam ainda oito semanas para que a bolha de Warner estourasse.

O problema com Warner devia ser mantido sob controle. Sepp selecionou um confiável advogado suíço, um velho amigo, para “examinar as circunstâncias em torno da venda de ingressos da Copa do Mundo realizadas pela Sim-paul”. Ele não mandou regular a alça de mira para a causa do escândalo, o fato de os irmãos Byrom terem vendido os ingressos para a Sim-paul.

O confiável advogado entrevistou Jack, Urs Linsi, os auditores e os Byrom. Jack foi inocentado, como era de esperar, afinal era um homem cujos 35 votos na região do Caribe haviam mantido Sepp no poder. O confiável advogado concluiu que Jack não tinha a menor ideia de que seu filho Daryan, o presidente da empresa Simpaul, que dividia com Warner o mesmo teto e a mesa do café da manhã, estava revendendo os ingressos com preços superfaturados. O menino levado não contava ao papai nenhuma das travessuras que aprontava!

Os Byrom tinham de ser mencionados, mas eram preciosos demais para as operações de Blatter e não podiam ser simplesmente descartados. O veredicto sobre os irmãos Jaime e Enrique? “Sua conduta não esteve isenta de erro”, declarou o confiável advogado. Uau! É isso. Fim de jogo.

A Simpaul não receberia mais ingressos para as futuras Copas do Mundo. Daryan foi instruído a pagar uma “multa” de 754.375 euros revertidos para uma instituição de caridade, de modo “a compensar os lucros por ele obtidos com as vendas de ingressos da Copa do Mundo”. Daryan pagou uma parcela e depois parou. Entre os negociantes do mercado paralelo corriam rumores de que os lucros obtidos por Daryan em suas transações com os irmãos Byrom beiravam os 3 milhões de dólares.

Esse escândalo certamente significava o fim das quase duas décadas de traças de Jack Warner com seus esquemas de vendas ilícitas de ingressos. Jaime e Enrique Byrom jamais sonhariam em fazer negócios com ele de novo... Será?

Outra Copa do Mundo, agora na África do Sul, e a organização estava toda lá – com um novo membro: Philippe, o sobrinho de Blatter, juntou-se à trupe. Oficialmente ele trabalhava como executivo-chefe de uma agência de marketing, a Infront, que era baseada em Zug e ocupava o mesmo conjunto de escritórios em que Jean-Marie Weber outrora organizava as remessas de propinas da ISL para a Sanud e a Sicuretta, as comissões para os meninos do Brasil. A Infront ganhou um presentinho do titio Sepp: os saborosos contratos dos direitos de marketing e de transmissão televisiva da Copa do Mundo na Alemanha.

Depois disso o sobrinho Philippe adquiriu 5% da MATCH – empresa cujos sócios majoritários são Jaime e Enrique Byrom, e que detém a exclusividade dos contratos de hospitalidade da Copa do Mundo: o alvo da MATCH são os grã-finos de carteiras recheadas do mundo corporativo. Você pode vê-los lá bem no alto de todos os estádios, desfrutando da melhor visão do

campo de jogo, bebericando champanhe e beliscando canapés nos camarotes VIPs. Sepp cedeu 380 mil ingressos para a MATCH vender como parte integrante de seus pacotes de luxo.

Os irmãos Byrom escolheram agentes em todo o mundo para vender esses pacotes de luxo; sempre que podem, mantêm os negócios na família do futebol. Na Nigéria, o homem com o maço de ingressos caros é Samson, filho de Amos Adamu, membro do Comitê Executivo da Fifa. Quando ele supervisiona eventos esportivos de grande porte em seu país, o dinheiro pode evaporar. É contra a lei que funcionários públicos tenham contas bancárias no exterior, mas Amos tem uma, de número AEIBUS33, junto ao Banco American Express em Nova York. Certa vez ele tentou desviar uma subvenção do COI, mas foi impedido por outro dirigente, que bloqueou a transação.

A conversa fiada de marqueteiro ficou a cargo de Andreas Herren, porta-voz da Fifa – que depois de passar metade da vida barrando a mídia na Casa da Fifa, lá em cima na colina em Zurique, agora diz palavras suaves para os jornalistas em nome dos irmãos Byrom – e de Philippe, instalado em seu novo escritório na Zollikerstrasse, a alguns quarteirões da margem do lago.

Há muitos contratos suculentos para o fornecimento de serviços da Copa do Mundo, e os Byrom estão se dando bem. Depois da Copa do Mundo no México, em 1986, eles passaram a atuar como operadores de hospedagem, hospitalidade e *tours* para os visitantes na Copa do Mundo na Itália em 1990, e escaparam por um triz por terem dificuldade em arranjar ingressos para a final em Roma. Coincidentemente, a ISL gastou 100 mil francos suíços (cerca de 269 mil reais) em ingressos naquele torneio.

Em 1994, nos Estados Unidos, os irmãos Byrom tornaram-se fornecedores “oficiais” das acomodações para os torcedores e fãs de futebol e também no Congresso da Fifa. Mantiveram esse contrato e vão repetir a dose no Brasil e novamente na Rússia em 2018. Em 2002, eles obtiveram os direitos de comercialização dos ingressos da Copa do Mundo. Ao longo do caminho, abocanharam a Copa Ryder de golfe, o rúgbi europeu e o tênis francês.

Em 2003, Sepp entregou a eles o contrato para vender e distribuir os milhões de ingressos da Copa do Mundo de 2010 na África do Sul. Havia mais: Sepp também garantiu aos Byrom os ingressos e o privilégio de operar a agência oficial de hospedagem para a Copa do Mundo no Brasil em 2014, 11 anos depois.

Jaime e Enrique Byrom fazem negócios sob o nome comercial de Centro de Venda de Ingressos da Fifa (Fifa Ticket Office – FTO). A Fifa garante que os irmãos Byrom vão reprimir o mercado paralelo, policiando as águas geladas e escuras, evitando o vazamento de ingressos para o “mercado secundá-

rio”, e impedindo a venda casada de pacotes de ingressos com quartos de hotel e passagens de avião.

Isso é importante porque essa atividade ilícita destruiria os agentes autorizados, agências de viagem que pagaram 30 mil dólares pelo acesso aos ingressos e depois tiveram de comprar um pacote no valor nominal de 80 mil dólares.

(Essa é a teoria, mas neste ano não vai funcionar. Há fartura de ingressos. À medida que o torneio se aproxima, os ingressos estão empilhados em um estoque, pois há pouca gente interessada em comprá-los. Logo serão despejados no mercado.)

A Fifa fala grosso, menciona punições e sanções, e diz que os Byrom desenvolverão “estratégias legais e operacionais para lidar com os prejuízos causados aos fãs do futebol pelo mercado paralelo”. Isso é intrigante. Era exatamente o que os irmãos Byrom estavam fazendo com os Warner em 2006. Eles nem sonhariam em fazer isso de novo este ano, certo?

O escritório do Centro de Venda de Ingressos da Fifa fica em Cresta, subúrbio na área oeste do centro de Johannesburgo. No meio da tarde de 19 de março de 2010, um gerente de contas enviou uma mensagem por e-mail a dois clientes que estavam trabalhando juntos. Um deles era uma mulher do Caribe, a assistente pessoal de uma Pessoa Muito Importante do Comitê Executivo da Fifa. O outro era um homem de Oslo, um famoso agente de venda de ingressos no mercado paralelo. A mensagem era devastadora: “Se não recebermos o comprovante bancário do pagamento pendente até 23 de março de 2010, o(a) sr.(a) terá de levar em consideração que sua encomenda de ingressos será cancelada”.

Em resposta à mensagem por e-mail, aqueles dois clientes não queriam mais os ingressos da Copa do Mundo que haviam encomendado meses antes. Era o começo do desastre nas vendas da Copa do Mundo na África do Sul. Os fãs estavam desistindo aos montes. Os agentes de vendas já tinham em mãos ingressos que não conseguiam vender. E não queriam mais.

Essa alarmante mensagem despachada pelo Centro de Venda de Ingressos da Fifa era confidencial, mas circulou entre os amigos de Jaime e Enrique Byrom. Uma cópia caiu nas mãos de duas funcionárias de Philippe na Infront, na Suíça. Será que ele diria ao titio o que estava acontecendo? Certamente o titio já sabia. Outros que receberam uma cópia da mensagem foram um velho dirigente da Fifa e seu assistente, também na Suíça. Por fim, uma cópia foi parar nas mãos de um homem que era figura importante para os negócios de

Jaime e Enrique em Manchester. Ele era o gerente de venda de ingressos em outra das empresas dos Byrom, a MATCH Event Services. Vamos chamá-lo de Senhor Tix. Voltaremos a encontrá-lo adiante.

A saga teve início em dezembro do ano anterior. A mulher caribenha enviou uma mensagem por e-mail para o homem em Oslo, que queria comprar ingressos. “Sem dúvida foi bom falar com você”, ela disse. “Obrigado pela lista, verei o que posso fazer. Você pode me dar uma ideia da remuneração financeira? Além disso, você teria condições de adiantar os fundos necessários para pagar a Fifa e o Comitê Organizador Local pelos ingressos que estão sendo pedidos? Com relação aos números, tentaremos fazer o nosso melhor.”

E tentaram mesmo. De um escritório em Trinidad foi despachado um pedido para os irmãos Byrom solicitando 310 ingressos com valor nominal de 84.240 euros. A maior parte era de ingressos da categoria 1, com preços entre 160 e 600 dólares. O pedido era complementado com uma encomenda de 38 ingressos para a final. Esses bilhetes renderiam um gordo lucro, arrancando dinheiro dos torcedores desesperados para ver a partida mais importante do mais importante dos torneios. O dinheiro tinha de ser enviado para um banco em Sotogrande, no sul da Espanha.

Em 20 de janeiro de 2010, a mulher caribenha enviou a seguinte mensagem por e-mail a Oslo: “Importante. Aqui está a primeira remessa de ingressos, você tem de pagar até amanhã! Eu os consegui faz duas horas. Haverá a cobrança de uma taxa de 10% sobre o preço”. Eles estavam tendo problemas na obtenção do pedido completo, mas ela assegurou aos clientes: “Temos outras opções para a compra de ingressos, e já começamos a falar com as pessoas relevantes”.

Contudo, isso não aconteceu. Semanas depois os negociantes de ingressos sabiam que as vendas para a Copa do Mundo eram um fiasco. Os torcedores e fãs de futebol não estavam dispostos a gastar todas as suas economias em ingressos. Em vez disso, preferiam comprar televisores de tela grande e assistir aos jogos em casa.

Sepp e seu *consigliere* Jérôme Valcke estavam trombeteando altas vendas de ingressos. Isso não era verdade. Tratava-se dos estoques encalhados que as agências de viagem estavam vendendo a preços reduzidos para ganhar algum dinheiro, qualquer quantia de dinheiro, na tentativa de recuperar seu malfadado investimento. Blatter disse à Reuters que todos os ingressos para as semifinais e a final estavam esgotados. Isso era uma inverdade, e mesmo na véspera da partida final ainda era possível comprar ingressos com descontos.

Em 1º de março a mulher – a assistente pessoal – do Caribe enviou uma mensagem por e-mail para os seus parceiros em Oslo: “Onde está o dinheiro prometido pelos ingressos?”. Ela acrescentou: “Espero que tenha sido pago, pois o sr. Warner ficaria bastante aborrecido, já que pareceria que ele havia encomendado os ingressos e não tinha como pagar”.

Então **era** Jack Warner, nadando mais uma vez nas águas profundas do mercado, alimentando-se da parte não visível do *iceberg*. Passados 18 dias, Warner e seus associados de Oslo ainda não haviam feito o pagamento, e o ultimato “pague ou caia fora” – que circulava bastante – foi enviado em 19 de março do Centro de Venda de Ingressos da Fifa em Cresta para Trinidad e Oslo.

Quem tinha feito a encomenda? Não foi a empresa Simpaul, que havia sido banida dos negócios de compra e venda de ingressos da Copa do Mundo. Não tinha sido Warner em pessoa, nem sua assistente. Foi uma organização sediada no outro lado da rua, a Edward Street, em Port of Spain. Foi a União Caribenha de Futebol (Caribbean Football Union - CFU), cujo presidente era Jack Warner.

Ao longo dos anos os irmãos Byron declinaram de responder aos meus e-mails questionando o envolvimento deles com Warner e os revendedores.

Torgeir Krokford e Espen Sandi, os jornalistas do *Dagbladet* em Oslo que desencavaram os documentos provando que Warner estava mais uma vez envolvido nos esquemas ilícitos de vendas – e mais uma vez com os irmãos Byrom – conseguiram outro furo. Na surdina, um dos negociadores de Oslo que repassava informações para os jornalistas mirou a câmera de seu *smartphone* para dois outros membros do Comitê Executivo da Fifa discutindo com ele negócios relativos aos ingressos. Eram Nicolás Leoz e Ricardo Teixeira.

“Fiquei atordoado quando vi os preços dos ingressos na África do Sul”, disse-me um torcedor. “O lugar mais barato para as partidas da fase de grupos custava 49 dólares na Alemanha, mas subiu para 88 dólares em 2010. Isso era inaceitável para a maioria dos fãs de futebol. Depois descobrimos que o ingresso mais barato para a final tinha aumentado de 169 para 440 dólares.” E a coisa ficou pior. Em seus pacotes de hospitalidade, os Byrom estavam cobrando 755 dólares pelos voos domésticos entre as cidades sede da Copa do Mundo. As companhias aéreas de baixo custo, aquelas sem frescura, pediam apenas o valor entre 140 e 196 dólares.

A partir de fevereiro de 2010, Jaime e Enrique começaram a se livrar de boa parte do 1,9 milhão de diárias que haviam reservado em hotéis, tanto os quartos de luxo como os modestos. À medida que as vendas de ingressos despencavam,

as câmaras municipais e as empresas de serviços públicos começaram a comprar bilhetes e distribuí-los entre os funcionários. Alunos das escolas públicas foram convocados para preencher os assentos quando o torneio começou. Os políticos sul-africanos não podiam passar vergonha depois de todos os seus discursos em que trombetaram que o país recebia de braços abertos o evento. As redes de televisão que pagaram milhões não ficariam felizes de exibir partidas em estádios semivazios.

Duas semanas antes do início do torneio, a imprensa divulgou que mais de 160 mil ingressos ainda não tinham sido vendidos. Na véspera do dia marcado para a bola rolar, os agentes autorizados a vender ingressos nos bares de Johannesburgo estimavam que 60% dos bilhetes tinham sido vendidos pelo preço total. Depois da competição o mundo ficou sabendo que 1,2 milhão de ingressos jamais foram comercializados, mas em seu *website* os Byrom informavam que 97,5% dos ingressos – 2.967.439 deles – tinham sido vendidos.

Um ano depois, em junho de 2011, os Byrom reconheceram que seus pacotes de hospitalidade haviam errado o alvo e por isso amargaram um prejuízo de astronômicos 50 milhões de dólares. O porta-voz dos Byrom negou veementemente que isso representava alguma espécie de desastre para a empresa, porque tinham feito um “investimento de longo prazo em seus projetos para 2010 e 2014”. Assim, iniciaram o empreendimento “Brasil 2014” com 50 milhões de dólares a menos no bolso. É melhor aqueles camarotes VIP do Maracanã ficarem cheios!

Ao lado disso, as operações de Jaime e Enrique estão recebendo uma ajudinha de Sepp. A página 19 da prestação de contas dos Byrom para o ano fiscal terminado em março de 2012 revela um empréstimo de 6.210.128 euros, recursos provenientes da Fifa “para financiar a obrigação da MATCH Services GA de fornecer serviços de acomodação e hospedagem para a Copa do Mundo de 2014 no Brasil”. Não se trata apenas de uma mãozinha de 6 milhões de euros. O empréstimo é livre de juros! Esse gesto amoroso, que parece um negócio “de pai para filho”, não consta dos balancetes da Fifa.

Como a MATCH conseguiu se tornar a detentora exclusiva dos direitos internacionais do Programa de Hospitalidade da Copa do Mundo no Brasil? Houve uma licitação e o Comitê Executivo da Fifa cedeu o contrato aos irmãos Byrom em 2007. O vice-presidente Jack Warner controlava três dos 23 votos. Depois das transações de Warner com os Byrom em 2006 – e de seus planos secretos para fazer negócio com eles novamente em 2010 –, na sua opinião eles certamente pareciam os melhores candidatos. A cereja no bolo dos irmãos Byrom foi o fato de que também puseram as mãos no contrato para a Copa do Mundo de 2018.

Para Jaime e Enrique Byrom, a Fifa é como um presente eterno, que é recebido várias e várias vezes, em ato contínuo. Em novembro de 2010, o contrato com a MATCH foi estendido até 2023. A empresa “despontou como a candidata mais adequada após uma avaliação deste ramo do mercado realizada pela Fifa”.

O anúncio formal talvez tenha surpreendido algumas pessoas. O texto oficial da entidade que dirige o futebol mundial continuava: “O acordo também fortalece ainda mais a luta da Fifa contra a venda não autorizada de ingressos. Graças a sua experiência e sua infraestrutura de monitoramento, a MATCH Hospitality terá condições de auxiliar a Fifa a reforçar os dispositivos que regulamentam a venda de pacotes de hospitalidade, prevenindo de maneira eficaz que vendedores não autorizados convençam clientes corporativos e pessoas físicas a comprarem tais pacotes diretamente deles”.

A essa altura Jack Warner tinha sido obrigado a se demitir da Fifa. Um extorsionário a menos – ávido por ganhar dinheiro sujo com os negócios em torno da Copa do Mundo.

O relatório da investigação da CPI presidida por Álvaro Dias tem ao todo 951 páginas. Nem tudo ali são histórias há muito enterradas. Muitas das decisões que Teixeira tomou quando ainda estava no poder estão tendo um impacto tremendo na Copa do Mundo e em seus contratos. Comece lendo a página 21 do volume 2 e saboreie o relacionamento entre Teixeira e a Stella Barros Turismo (SBTR). O cabeçalho é “Despesas com a SBTR: Uma fiel parceria de lucros para a empresa e prejuízos para a CBF”. Em três anos, entre 1998 e 2000, a CBF gastou a inacreditável quantia de 30 milhões de reais com a empresa.

O senador Álvaro Dias ficou descontente com algumas das informações que seus investigadores descobriram nos arquivos da CBF. A seu ver, a CBF não estava se beneficiando como deveria, em face da dinheirama que saía de Teixeira em direção a Wagner Abrahão, dono e principal sócio cotista da Stella Barros. Álvaro Dias queria saber por que a empresa aparentemente não concedia descontos à CBF, apesar do gigantesco volume de negócios. Ele acreditava que as companhias aéreas ofereciam em média descontos de 15%, e a CBF deveria ter economizado 2,325 milhões de reais.

Álvaro Dias se perguntou se o dinheiro estava sendo embolsado por alguém da Stella Barros – ou talvez alguém da CBF. Tudo muito intrigante, mas não havia provas. Infelizmente, as contas da CBF eram uma bagunça e o senador simplesmente não conseguiu descobrir tudo o que queria acerca do relacionamento entre a CBF e a SBTR.

Outra parceria comercial da CBF deixou Álvaro Dias preocupado. Ele notou que uma empresa prosperou vertiginosamente depois de começar a fazer negócios com Teixeira. Novamente o volume 2 do relatório, a partir da página 174, é uma leitura educativa. Álvaro Dias revela os lucrativos acordos por meio dos quais a CBF vendia contratos exclusivos de direitos mundiais de marketing e de transmissão por televisão dos jogos da Seleção Brasileira para a Traffic, pertencente a José Hawilla. Depois a Traffic adquiriu uma fatia do famoso contrato com a Nike e proporcionou a Hawilla o que Álvaro Dias chamou de lucro “espetacular”. A Traffic, que era uma empresa modesta em 1989, saltou para o posto de quinta maior empresa de marketing esportivo no mundo, com um faturamento de 262 milhões de dólares em 2000.

A Copa do Mundo congraça velhos amigos. Em outubro de 2011 a MATCH dos irmãos Byrom anunciou seus parceiros na venda dos pacotes de hospitalidade para 2014. Em primeiro lugar estava o Grupo Traffic. No que parecia ser uma tentativa de matar de sono os jornalistas, o comunicado de imprensa declarava que o acordo “representa de longe o maior compromisso no ramo da hospitalidade nos esportes para um único território e é um marco de grande envergadura para o sucesso do Programa de Hospitalidade da Copa do Mundo da Fifa de 2014”.

Não saberemos da veracidade dessa declaração até 12 de junho de 2014, dia em que a Copa do Mundo terá início em São Paulo. Será que os camarotes de luxo nas laterais dos estádios realmente estarão abarrotados de figurões e *playboys*? “A Copa do Mundo é a prova inequívoca da evolução e profissionalização do futebol brasileiro”, disse José Hawilla. Algumas pessoas acham que o desempenho dentro de campo diz mais sobre o Brasil, mas Hawilla tem excelentes referências: Chuck Blazer, ex-membro do Comitê Executivo da Fifa, diz que por duas décadas havia trabalhado com Hawilla e ele “é um homem de extraordinário caráter. Eu diria que seu aperto de mão era melhor que a maioria dos contratos escritos”.

O segundo parceiro comercial no negócio dos camarotes de luxo dos estádios é a Top Service Turismo, parte do Grupo Águia, pertencente à família Abrahão - essa empresa tinha absorvido a Stella Barros em 2004. O repórter Rodrigo Mattos revelou que Claudio, irmão de Wagner Abrahão, compartilhava a predileção da família por Ricardo, a tal ponto que dois anos antes o beneficiara em um negócio imobiliário: em 2009, Claudio Abrahão vendeu a Teixeira uma maravilhosa cobertura de frente para a praia na Barra da Tijuca, zona sul do Rio de Janeiro, por 720 mil reais. Essa venda foi especialmente generosa porque, de acordo com a taxa de transmissão de bens imóveis paga, o apartamento valia três vezes mais: 1,995 milhão de reais. Ricardo é sortudo!

O Senhor Tix, o velho e tarimbado gerente de vendas de ingressos dos Byrom, que também recebeu uma cópia dos acordos secretos de Jack Warner em 2010, está ocupado cuidando das operações e da comercialização de ingressos no Brasil.